

**O valor documental da gravação parcial
de um telefonema entre um médico e a
filha de uma doente em cuidados
paliativos: reflexão teórico-metodológica
nas fronteiras e margens de vários
paradigmas**

*The documentary value of the partial recording of a
phone call between a doctor and the daughter of a
patient in palliative care: theoretical-methodological
reflection on the borders and margins of various
paradigms*

MICHEL G. J. BINET

DAVID MONTEIRO

RESUMO

Numa travessia de fronteiras teóricas, metodológicas e disciplinares, guiada pela etnometodologia, o artigo promove uma desconstrução teórico-metodológica do conceito de “dado bruto”, por meio de (1) uma historicização do gesto, falsamente banal, de ligação de um gravador durante uma pesquisa de campo, ancorada nas histórias disciplinares da etnografia e de uma linguística de campo, e de (2) uma discussão em torno do valor documental atribuível a duas propostas de transcrição da gravação parcial de um telefonema entre um médico e a filha de uma doente paliativa. O artigo pretende contribuir para uma epistemologia da investigação qualitativa, finamente ancorada em autodescrições das práticas de transcrição de dados “atípicos”, coletados em Portugal, numa data recente, no âmbito de um projeto de investigação sociológica em curso, sobre os cuidados paliativos. O artigo argumenta no sentido de uma inseparabilidade de três atos epistêmicos, mutuamente constitutivos: a efetuação de um registo observacional, por ligação de um gravador, a descrição e a interpretação, realizada no ato da transcrição, a partir de escutas repetidas da gravação.

Palavras-chave: Etnometodologia; Métodos qualitativos; Cuidados paliativos.

ABSTRACT

Guided by ethnomethodology, this article traverses across theoretical, methodological and disciplinary frontiers, promoting a deconstruction of the concept of “raw data” based on (1) a historicization of the falsely-banal gesture of turning on a recorder during fieldwork research, anchored in the disciplinary histories of ethnography and field linguistics, and (2) a discussion of the documentary value of two proposals for the transcription of a partial recording of a phone call between a medical doctor and the daughter of a palliative patient. This article aims at contributing to an epistemology of qualitative research, finely grounded on self-descriptions of practices of transcription of “atypical” data, recently collected in Portugal, within the scope of a sociological research project in course about palliative care, supporting the inseparability of three mutually-constitutive epistemical acts: the production of an observational record by activating a recorder, and the description and interpretation, accomplished by transcription, through repeated listening of the recording.

Key words: Ethnomethodology; Qualitative methods; Palliative care

INTRODUÇÃO^{1 2}

A epistemologia não é apenas uma reflexão preliminar ou retrospectiva sobre a produção de saberes, elaborada por um observador distante e exterior. As práticas de coleta e de análise de “dados” são quadros de ação inseparavelmente teóricos e metodológicos, intrinsecamente reflexivos. A prática reflexiva da pesquisa é assimilável a uma *epistemologia*

¹ Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia, I.P., no âmbito dos projetos *PTDC/SOC-SOC/30092/2017* e *UID/SOC/04624/2019*.

² Nota da edição: adaptamos a grafia das palavras ao português em uso no Brasil.

O valor documental da gravação parcial de um telefonema entre um médico e a filha de uma doente em cuidados paliativos: reflexão teórico-metodológica nas fronteiras e margens de vários paradigmas genética, que progride dentro da ação investigativa, por autoaprendizagem, a partir dos fracassos e dos êxitos gerados por sucessivas tentativas (PIAGET, 1992[1974]). A definição de critérios permitindo discriminar “fracassos” e “êxitos” é uma questão central nos processos epistemológicos de autoquestionamento e de autovigilância cautelosa, promovidos, passo a passo, por investigadores que pesquisam campos locais, repletos, sempre, de imprevistos, de contingências, que o desenho de nenhum projeto investigativo tem a capacidade de prever e antecipar, de tal modo ricos e complexos são todos os pormenores que fazem e definem a singularidade de cada campo.

A pesquisa de campo em meio hospitalar realizada no âmbito do Projeto ETIC gerou um *corpus* de “dados” que inclui *gravações parciais de telefonemas*. Como encarar uma tal gravação? Como um fracasso da pesquisa de campo, que gerou “dados” sem valor documental, que aguardam eliminação e apagamento? Ou como “dados” suscetíveis de permitir a abertura de uma janela de observação detalhada de aspetos do trabalho dos profissionais das equipas intra-hospitalares de suporte em cuidados paliativos?

Pesquisar é responder com cautela a essas perguntas, mediante uma prática reflexiva, que não reproduz passivamente rotinas incorporadas e procedimentos normalizados por um paradigma científico único, que ocupa, num dado momento, uma posição hegemônica.

O tema metafórico das *travessias* de fronteiras — teóricas, metodológicas e disciplinares — ganha aqui uma relevância epistemológica.

A COLETA DE “DADOS” E A SUA ORGANIZAÇÃO EM COLEÇÃO COMO GESTOS EPISTÊMICOS INCORPORANDO UMA LONGA HISTÓRIA DISCIPLINAR: ALGUNS ELEMENTOS DE HISTÓRIA DA PESQUISA ETNOGRÁFICA DE CAMPO

O gesto eficaz de um artesão que observo hoje pode incorporar as aprendizagens de gerações sucessivas de artesãos, que acumularam experiências e experimentações ao longo de uma temporalidade longa (MAISTRE, 2017, p. 21). O presente é produto e produtor de historicidade (GOODWIN, 2017).

O gesto de *ligar um gravador* durante uma pesquisa de campo, que hoje pode parecer banal e ser vivenciado como autoevidente por certos investigadores, incorpora também uma longa história de debates teóricos e metodológicos, nunca definitivamente encerrados, que ele contribui para prolongar.

Esse gesto ocorre dentro de um quadro teórico-metodológico mais amplo, o da *pesquisa de campo*, que tem histórias distintas no quadro específico de cada disciplina, definida por referência a fronteiras disciplinares mais ou menos estabilizadas. A antropologia destacou-se historicamente pela importância que atribuiu precocemente à pesquisa de campo, frequentemente chamada hoje *pesquisa etnográfica*, por homenagem às contribuições da antropologia no desenvolvimento desse importante dispositivo teórico-metodológico das ciências sociais e humanas.

Numa primeira fase da sua história, a pesquisa etnográfica de campo, realizada em territórios colonizados, ao abrigo de uma divisão do trabalho científico entre antropólogos e sociólogos³, tinha por missão a coleta de “*objetos*” (arquilexema⁴, de definição muito extensa e aberta) destinados às *coleções* de museus sediados nos países colonizadores, que rivalizavam entre si para reunir a maior coleção possível, capaz de testemunhar, com ostentação (sic), a “grandeza” do império colonial então conquistado e controlado por cada país. As práticas de coleta de dados em etnografia são, portanto, inseparáveis da história científica e política da museografia e do colonialismo.

Michel Leiris define as coleções de dados organizados nos museus como *arquivos de “objetos”*, dotados de uma autenticidade e de um valor documental superiores aos arquivos de documentos escritos, que constituem a base documental explorada pelos historiadores nas culturas letradas (LEIRIS, 1931, p. 7). Constituir um arquivo a partir de “objetos” é então uma ideia original, que guiou e marcou profundamente a história da antropologia. Essa ideia, esse projeto não perdeu a sua originalidade: todo etnógrafo desenvolve necessariamente, na véspera e durante uma pesquisa de campo, uma reflexão sobre os “objetos” observáveis, coletáveis, fotografáveis e/ou filmáveis, dotados de valor documental.

No outro lado da cadeia operatória que, historicamente, liga o campo pesquisado e o museu, a reflexão sobre a organização racional dos objetos coletados em *coleções bem ordenadas* desempenhou um papel de grande relevo no processo histórico que permitiu aos

³ Os estudos do *folklore* em campos europeus não eram inicialmente abrangidos por essa divisão do trabalho. A afiliação disciplinar destes estudos não era consensual. Só mais tarde é que os *folkloristas*, especialistas do mundo rural, foram integrados na comunidade científica dos antropólogos, sob a designação de “europeanistas”. Essa trajetória dos estudos folclóricos é personificada por Arnold Van Gennep, autor de um livro, *Os ritos de passagem*, que acabou por ser considerado como um grande clássico da antropologia (BELMONT, 1974; FABRE & LAURIÈRE, 2018).

⁴ Nota da edição: “Elemento que apresenta o conjunto de traços semânticos (semas) pertinentes e comuns às diversas unidades da série, e neutraliza a oposição de traços semânticos específicos das unidades dessa mesma série.” (INFOPÉDIA, 2021). Trata-se, portanto, de termo genérico usado para abarcar diversas singularidades semelhantes.

O valor documental da gravação parcial de um telefonema entre um médico e a filha de uma doente em cuidados paliativos: reflexão teórico-metodológica nas fronteiras e margens de vários paradigmas

antropólogos passar de catálogos enumerando desordenadamente, fora de qualquer contexto bem definido, fatos, artefatos e detalhes, para a *monografia*, que tem a ambição de proporcionar descrição a mais completa e detalhada possível de uma comunidade, de acordo com recortes da “realidade”, definidos por um plano ordenado e ordenador de redação em capítulos e subcapítulos, sistematicamente seguido por cada novo estudo monográfico. O valor documental de um detalhe comportamental observado e anotado, de um artefato coletado, é largamente definido pelo lugar que pode ocupar dentro da estrutura global da monografia, que, em parte, emergiu a partir da reflexão sobre a organização em coleções museográficas dos objetos coletados em campos longínquos.

A dupla definição dos *objetos* a coletar no campo e da organização metódica da *coleção* por eles formada foi, portanto, um dos principais motores do surgimento e do desenvolvimento da *antropologia* como disciplina científica autônoma (BONDAZ, 2014). É o duplo gesto de *coletar* um artefato e de depositá-lo numa *coleção* que o transforma em *dado etnográfico*. Nessa cadeia operatória, a elaboração de *metadados*, em formato de ficha descritiva de cada “objeto” coletado, ganhou rapidamente importância para o trabalho científico que coube e cabe aos antropólogos desenvolver no seio dos museus.

“*Une histoire du fichage des objets mériterait d’être écrite*”⁵, comenta Julien Bondaz (2014, p. 27). Coletar um item no campo, redigir a sua ficha descritiva e depositá-lo dentro de uma coleção organizada constituem historicamente três atos epistemológicos fundamentais para o desenvolvimento da antropologia. A elaboração dos metadados, mediante a redação de uma ficha descritiva, contribui para a construção teórico-metodológica dos próprios “dados”: as observações no campo são orientadas para a elaboração das fichas descritivas. Trata-se, por meio das observações efetuadas e da redação das fichas, de descrever os processos locais de produção e de utilização dos “objetos” e artefatos coletados, de modo a possibilitar uma análise descritiva e *situada* do seu valor funcional e simbólico. A fotografia e o filme são, num primeiro momento, introduzidos nessas fichas a título de anexos (MAUSS, 1967[1947], p.17), para comprovar a autenticidade do artefato e documentar, por meio de uma abordagem *situada*, a sua produção local e/ou a sua utilização local.

O dado etnográfico é um dado indexado a uma *situação* observada no campo, localizada com precisão no tempo e no espaço, bem descrita. Essa abordagem situada dos comportamentos constitui um dos princípios de base da pesquisa etnográfica de campo, sublinhou numerosas vezes na sua obra Bronislaw Malinowski, que colocou a linguagem no

⁵ Nota da edição: “Uma história do registro dos objetos mereceria ser escrita” (tradução livre).

centro da agenda de observação e de coleta de dados do etnógrafo: “*À nos yeux, le fait linguistique véritable est l'énoncé complet en situation*”⁶ (MALINOWSKI, 2002[1935], p. 246).

A fotografia do *item-em-situação-de-uso* pode ser tirada a partir de situações recriadas e reconstituídas, em resposta a uma solicitação do etnógrafo, sem que isso seja encarado como digno de ser notado de modo sistemático na respectiva ficha descritiva. Desde então, a etnografia conheceu uma viragem reflexiva, que enriqueceu metadados e notas descritivas, dando corpo a diários de campo, que não deixam de mencionar sempre que um dado fotográfico é registrado ao abrigo de uma prática colaborativa de reconstituição.

A história disciplinar das práticas de filmagem em antropologia assentou no debate entre registro de situações ditas “naturais” e registro de situações reconstituídas para o efeito. Com ou sem práticas de reconstituição das cenas filmadas, nem sempre indicadas de um modo sistemático (HEIDER, 2006, p.96), a observação “naturalista” — dos comportamentos que ocorrem “naturalmente” — nos quadros primários da vida quotidiana da comunidade estudada é a fonte dos saberes que capacitam o etnógrafo a filmar cenas o mais “naturais” possível. Em todos os casos, o trabalho de filmagem é informado e guiado pelos saberes obtidos pela via clássica da pesquisa de campo, que permanece insubstituível, defendia Jean Rouch: «(...) *caméras et magnétophones, pour aussi perfectionnés qu'ils deviennent, ne remplacent et ne remplaceront jamais les modes classiques de l'enquête ethnographique*»⁷ (ROUCH, 1968, p.429).

Com efeito, são os saberes etnográficos oriundos da pesquisa de campo que capacitam o etnógrafo a filmar cenas “naturais”, nas quais os nativos não representariam, mas “seriam simplesmente eles próprios”: «(...) *les indigènes choisis ne jouent pas; ils sont simplement eux-mêmes*»⁸ (O'REILLY, 1949, p.124). No entanto, Patrick O'Reilly sublinha o valor documental único das filmagens, para o registro e a análise de detalhes comportamentais não capturáveis por outras vias, criticando a lentidão e a falta de adesão que caracterizavam a sua introdução na etnografia francesa dos anos 1940, num artigo em que ele mencionava a admissibilidade de “teses filmadas” e a necessidade da criação de um museu inteiramente dedicado ao cinema etnográfico, onde seria possível depositar e

⁶ Nota da edição: “Aos nossos olhos, o verdadeiro fato linguístico é o enunciado completo em situação” (tradução livre).

⁷ Nota da edição: “(...) câmeras e gravadores, por mais sofisticados que venham a ser, nunca substituem ou substituirão os modos clássicos de pesquisa etnográfica” (tradução livre).

⁸ Nota da edição: “(...) os nativos escolhidos não estão a representar [um papel teatral]; eles são simplesmente eles mesmos” (tradução livre).

O valor documental da gravação parcial de um telefonema entre um médico e a filha de uma doente em cuidados paliativos: reflexão teórico-metodológica nas fronteiras e margens de vários paradigmas analisar o *corpus d'images mobiles*⁹ coletado e arquivado por cada etnógrafo (O'REILLY, 1949, p. 118). Nesse artigo, o filme já não é um mero anexo de uma ficha descritiva que acompanha um “objeto”, mas sim o próprio “objeto” a coletar, ou melhor, a produzir no campo, passível de múltiplos visionamentos posteriores, na sala de um museu (ainda por inventar e criar), dotado de equipamentos facilitando um trabalho de análise, de corte, de montagem, de legenda, de anotação, operações que visariam transformar — já não no campo, mas a partir de um laboratório espacial e temporalmente distante do campo propriamente dito — o *corpus* de filmes em estado bruto em filmes científicos (e em filmes para um grande público, cuja comercialização no circuito das salas de cinema constituiria uma fonte de autofinanciamento).

Na história da antropologia, a coleta de “objetos” e artefatos, que assentava demasiadas vezes em relações de poder desigual num quadro de violência colonialista (LEIRIS, 1950, p.357), foi assim progressivamente substituída por desenhos técnicos e por registros fotográficos ou fílmicos. A coleta de dados é hoje predominantemente uma coleta de um *corpus* de registros descritivos (notas nos diários de campo), fotográficos e/ou fílmicos dos “objetos” estudados.

O QUE OBSERVAR, COLETAR OU REGISTRAR NO CAMPO? EM BUSCA DE UMA DEFINIÇÃO EM COMPREENSÃO E EM EXTENSÃO DO CONCEITO DE “DADO ETNOGRÁFICO”

Formar e guiar os pesquisadores de campo passam pela definição em compreensão e em extensão do conceito de “dado” ou de “detalhe” etnográficos. Historicamente, como atesta o ensino ministrado por Marcel Mauss ao longo dos anos 1925-31, traduzido em instruções endereçadas aos “coletores de objetos etnográficos” por Michel Leiris (1931), essa definição foi construída por meio de uma ruptura com o conceito de “obra de arte”, privilegiado por museus de arte, acusados de constituir coleções assentes em juízos de valor estético, rejeitados pelos etnógrafos como sendo etnocêntricos e pouco científicos. O valor estético de um objeto foi então substituído por uma referência ao seu valor documental ou testemunhal de uma realidade maior: a sociedade ou a cultura.

Essa redefinição assente no conceito de valor documental visava reorientar os focos de atenção dos pesquisadores de campo em direção ao *quotidiano*. É muito interessante verificar uma tomada de consciência precoce por parte dos antropólogos da necessidade de chamar a atenção dos pesquisadores sobre a riqueza do cotidiano. Essas chamadas de

⁹ Nota da edição: “*Corpus* de imagens em movimento” (tradução livre).

atenção documentam uma consciência aguda de um risco de subavaliação do valor documental de dados de um cotidiano depreciado, banalizado, tornado irrelevante, transparente, invisível, pelo fato de ser encarado como demasiado óbvio, evidente. Muito cedo na história da disciplina, a atitude banalizante e naturalizante perante o cotidiano foi encarada como um obstáculo epistemológico, numa convergência, digna de ser notada, com a abordagem fenomenológica (SCHÜTZ, 1967[1932], p. 36-7).

Os dados a coletar não são escondidos no fundo de poços escuros, mas, muitas vezes, estão disponíveis na superfície, diretamente observável, da vida cotidiana. Não é preciso escavar para alcançar dados observáveis: basta, sim, reaprender a ver e a ouvir o cotidiano.

Une boîte de conserve, par exemple, caractérise mieux nos sociétés que le bijou le plus somptueux ou que le timbre le plus rare. Il ne faut donc pas craindre de recueillir les choses même les plus humbles et les plus méprisées. (...) En fouillant un tas d'ordures, on peut reconstituer toute la vie d'une société (...) (MAUSS, apud. LEIRIS, 1931, p.8-9).¹⁰

Usado por contraste e em oposição ao de *amostra*, o conceito de *corpus* pode servir a definir e legitimar, como base empírica de um processo investigativo, a coleta de “dados qualitativos”, heteróclitos, não calibrados, nem planejados de antemão.

Na investigação qualitativa que se reivindica da etnografia, pode ser definido e tratado como “dado” tudo o que, dotado de um *valor documental*, é direta ou indiretamente registrável e reproduzível. Um “dado” é uma parte, o pedaço de um todo que ele contribui para documentar, ou seja, que ele ajuda a descrever e analisar (SARDAN, 2003, p. 17-18; BASZANGER & DODIER, 2004; e, numa perspectiva crítica, PIETTE, 2009 [1998], p.3).

Na etnografia, a coleta de um *corpus* de dados qualitativos é um procedimento aberto, em redefinição constante, a partir das injunções vindas do campo. Trata-se de tirar o melhor proveito possível das oportunidades criadas pelas negociações e renegociações de abertura de campo. Após ter comentado a “*extensão quase infinita do campo de aplicação*” da noção de *documento etnográfico*, Gérard Lenclud escreve:

Est, en effet, document ethnographique toute source d'information disponible pour la connaissance ethnologique d'une société particulière. Envisagé en ce sens, il est

¹⁰ Nota da edição: “Uma lata, por exemplo, caracteriza melhor nossas sociedades do que a joia mais suntuosa ou o selo mais raro. Portanto, não devemos ter medo de coletar até as coisas mais humildes e desprezadas. (...) Cavando em um monte de lixo, podemos reconstruir toda a vida de uma sociedade (...)” (tradução livre).

O valor documental da gravação parcial de um telefonema entre um médico e a filha de uma doente em cuidados paliativos: reflexão teórico-metodológica nas fronteiras e margens de vários paradigmas

évidemment impossible de fixer où commence et où finit le document ethnographique et illusoire de songer à en établir une typologie. De proche en proche, la notion s'élargit (...) (LENCLUD, 2000, p.475).¹¹

Essa renúncia à fixação prévia de uma grelha tipológica, em montante da pesquisa de campo, traduz uma confiança acumulada na heurística da abordagem etnográfica e uma consciência da riqueza dos dados de observação coletáveis em qualquer campo, riqueza que é vã de tentar prever e antecipar antes da ida ao campo. É também sinal de um certo abandono da ambição monográfica acima mencionada por parte dos antropólogos, em benefício de estudos descritivos cada vez mais focados em *detalhes etnográficos* (SARDAN, 2003).

A capacidade de extração e registro de “dados” a partir dos observáveis no campo está no centro do perfil de competência de um etnógrafo. O equipamento sensorial e cognitivo do pesquisador de campo é o primeiro meio de extração e de registro de dados. Os dados etnográficos são dados em primeira pessoa, gerados *egologicamente* — no sentido fenomenológico de dados gerados por um observador situado. O método etnográfico pode ser perspectivado como uma sistematização das práticas de observação e de interpretação que habilitam cada membro de uma comunidade a participar competidamente nas interações da vida quotidiana (BINET, RULLAC & PINTO, no prelo; HAMMERSLEY & ATKINSON, 2007, p.4). Estar no campo é habilitar-se a observar de dentro, com os mesmos órgãos sensoriais dos participantes, a partir dos mesmos lugares ou quase, *situações* de (inter)ação que constituem os principais componentes da vida social e, por conseguinte, o principal objeto dos estudos etnográficos.

Essa focalização das pesquisas etnográficas no estudo das situações interacionais é um dos fatores de explicação histórica da convergência ocorrida entre a antropologia e um dos ramos da sociologia, associado à Universidade de Chicago: a sociologia das interações. Esta última, por vezes designada como “sociologia de base etnográfica”, identificada sob a designação de *interacionismo simbólico*, filiada à filosofia pragmática, desempenhou um papel importante no desenvolvimento da prática da pesquisa etnográfica em campos urbanos, antecipando o regresso dos antropólogos, que se seguiu ao fim da ocupação colonial da África e da Ásia, após a 2ª Guerra mundial.

¹¹ Nota da edição: “Na verdade, um documento etnográfico é qualquer fonte de informação disponível para o conhecimento etnológico de uma determinada sociedade. Visto neste sentido, é obviamente impossível fixar onde começa e termina o documento etnográfico e é ilusório pensar em estabelecer uma tipologia. Aos poucos, a noção se amplia.” (tradução livre).

Na tese de doutoramento de Erving Goffman, podemos observar uma construção teórico-metodológica que participa da tendência acima mencionada: ao realizar uma pesquisa de campo num contexto insular, na Grã-Bretanha, Goffman rejeita o projeto de elaboração de um estudo *de* comunidade, em benefício de um estudo *dentro* de uma comunidade, das situações de interação que organizam a vida social quotidiana dos ilhéus (GOFFMAN, 1953, p.8). Estamos, então, no início dos anos 50 do século XX, e os dispositivos de gravação são pouco transportáveis, em razão da sua dimensão e do seu peso. Goffman (1953, p.4) invoca “razões sociais, econômicas e técnicas” para justificar a sua não utilização. O que retém a atenção, na introdução da tese, centrada nas questões metodológicas, é o fato de Goffman ter-se sentido na obrigação de justificar a não utilização de um gravador ou de uma câmera, no decurso de uma descrição detalhada da sua prática da pesquisa de campo. Nas entrelinhas das suas explicações, o leitor pode identificar considerações da ordem do que hoje é designado como “paradoxo da observação”, de acordo com a terminologia proposta por William Labov (1976, p.116-117), numa data posterior à elaboração dessa tese.

Goffman situa-se numa perspectiva naturalista: trata-se de observar “profundamente, intimamente”, situações nos seus “contextos naturais”, para acumular, perspectiva *egológica*, “experiências em primeira mão” (*firsthand experience*), alinhadas e convergentes com o *ponto de vista do participante* em cada situação interacional observada. Goffman reconhece, indiretamente, pelo fato de se ter sentido na necessidade de apresentar justificações, após ter retratado com pormenores as dificuldades e vicissitudes das observações de campo, que registros em áudio ou audiovisuais permitiriam coletar dados sociológica e *emicamente* relevantes, pertencentes aos focos principais de um estudo doravante centrado nos comportamentos comunicativos, como o título da tese consagra.

Essa focalização nos comportamentos comunicativos não envolve uma desfocalização das componentes materiais, artefatuais, das situações interacionais. Os artefatos e objetos, que constituíram os primeiros dados a coletar no campo na história da etnografia, permanecem relevantes enquanto partes integrantes da microecologia das ações estudadas. A admissão da utilização de gravadores e de câmeras não alimentou uma viragem logocêntrica.

A filmagem em câmera lenta dos dedos do tecelão, completada por um *corpus* de fotografias que fixam em imagens os detalhes do próprio tear, instruções de Marcel Mauss, transmitidas em atividade de ensino, ao longo dos anos 1925-31, reproduzidas no seu

O valor documental da gravação parcial de um telefonema entre um médico e a filha de uma doente em cuidados paliativos: reflexão teórico-metodológica nas fronteiras e margens de vários paradigmas Manual de Etnografia, cuja 1ª edição data de 1947 (MAUSS, 1967, p.71), são claras: a coleta de dados fílmicos não induziu nenhuma viragem logocêntrica da etnografia. A fala no sentido restrito, de comunicação verbal, é estudada, em etnografia, enquanto parte, central, de uma ação mais vasta, cuja realização envolve artefatos e gestos. O modelo *speaking* proposto por Dell Hymes (1972) para etnografar a fala promove uma abordagem que não negligencia a situação, convergindo e dialogando com a sociologia interacionista (GOFFMAN, 1964).

PARTE DE UMA AÇÃO, A FALA É ELA PRÓPRIA AÇÃO: A CONSTRUÇÃO DO “OBJETO”

Se, por um lado, a etnografia promove uma contextualização situacional da fala, que a considera como parte de uma ação mais vasta que é imprescindível observar e registrar para gerar dados contextualizadores, por outro lado, a fala pode também ser reconhecida como constituindo uma *ação* digna de ser estudada em si mesma (ENFIELD & SIDNELL, 2017), ou seja, como um objeto que é possível recortar e estudar, em larga medida, autonomamente. A definição dos dados a coletar, para a construção do *corpus* que serve de base empírica ao estudo, torna-se assim um objeto de debate e, até, de controvérsia, consoante a perspectiva adotada.

Para os investigadores que adotam a primeira perspectiva, encarando a fala como parte de uma ação mais vasta, uma gravação em áudio constituirá sempre um registro parcial, que é necessário completar por notas de observação de campo, fotografias, desenhos e/ou entrevistas. A pesquisa etnográfica clássica continua insubstituível, como defendia Jean Rouch. Para os defensores da segunda perspectiva, gravações em áudio podem constituir um *corpus* de elevado valor documental, para estudar uma ação ou interação realizada conversacionalmente, elevada ao estatuto teórico-conceitual de infraestrutura da vida social (SCHEGLOFF, 2006).

A focalização do estudo na fala-em-interação enquanto ordem constituindo um domínio investigativo próprio e autônomo, passível de ser estudado por gravação em áudio e por transcrição, é parte integrante do paradigma teórico-metodológico da Análise Conversacional Etnometodológica (ACE), ou, melhor dizendo, da sua história enquanto paradigma científico (SIDNELL & STIVERS, 2013). A ACE está hoje numa fase da sua história caracterizada por uma substituição crescente dos *corpora* de gravações em áudio por *corpora* de registros audiovisuais, que se traduz por uma reabilitação do corpo como objeto

de estudo visualmente observável e um alargamento das análises, até então “confinadas”¹² ao campo auditivo, a análises ditas multimodais, que abrangem o campo da percepção visual, central no *umwelt* habitado pelos seres humanos, e, portanto, de elevada relevância êmica, principal critério mobilizado em ACE para delimitar as unidades de análise e os dados a coletar e a transcrever ou anotar. É digno de ser registrado e analisado tudo o que é relevante do ou dos pontos de vista das vivências subjetivas de uma ação local.

Essa mudança —que não é assimilada a uma ruptura paradigmática, mas que, ao contrário, é entendida pelos analistas conversacionais como um desenvolvimento da ACE que contribui para confirmar e demonstrar, retro e prospectivamente, a solidez e a heurística do paradigma — apazigua ou desloca as controvérsias que acabamos de referir, numa clara nova convergência entre a ACE e a pesquisa etnográfica clássica.

Nova convergência, na medida em que se trata da repetição de uma convergência que já tem ao seu crédito uma longa história. Com efeito, desde o seu surgimento, a etnometodologia é um quadro teórico mobilizado por pesquisas de cariz etnográfico, não centradas na análise de *corpora* de gravações áudio. A ACE é o principal desenvolvimento da etnometodologia, mas não o único. Existe um debate no seio da própria etnometodologia, portanto, que aborda as questões aqui levantadas.

Na perspectiva trazida e aprofundada pela etnometodologia (FRANCIS & HESTER, 2004, p.8; COULON, 1987), o objeto de estudo é um construto teórico-metodológico, o de uma realidade constituída, por uma parte importante e fundamental, de linguagem e pela linguagem, ou seja, de uma realidade constituidamente sociolinguística ou sociodiscursiva. É toda a epistemologia das ciências humanas e sociais que assenta neste construto teórico-metodológico, como defendeu, por exemplo, Charles Taylor:

We can speak of mutual dependence if we like, but really what this points up is the artificiality of the distinction between social reality and the language of description of that social reality. The language is constitutive of the reality, is essential to its being the kind of reality it is. To separate the two and distinguish them as we quite rightly distinguish the heavens from our theories about them is forever to miss the point (TAYLOR, 1985 [1971], p.34).¹³

¹² “Confinadas”, entre aspas, para alertar o leitor contra o erro que consistiria em subestimar a força e o alcance do trabalho científico que é possível desenvolver, em ACE, com base em gravações em áudio.

¹³ Nota da edição: “Podemos falar de dependência mútua, se quisermos, mas na verdade o que isso aponta é a artificialidade da distinção entre a realidade social e a linguagem de descrição dessa realidade social. A linguagem é constitutiva da realidade, é essencial para que esta seja o tipo de realidade que é. Separar os dois e distingui-los como distinguimos muito corretamente os céus de nossas teorias sobre eles é perder para sempre o ponto principal” (tradução livre).

O valor documental da gravação parcial de um telefonema entre um médico e a filha de uma doente em cuidados paliativos: reflexão teórico-metodológica nas fronteiras e margens de vários paradigmas

Um tal objeto oferece *affordances*, ou seja, propriedades que convidam a usar um gravador ou uma câmera, e a recentrar a investigação antropológica sobre a linguagem e os seus usos (DURANTI, 1997).

O CAMPO EM CIÊNCIA DA LINGUAGEM: LINGÜÍSTICA DE CORPUS E LINGÜÍSTICA INTERACIONAL

Temos até agora privilegiado a história da etnografia para historicizar um gesto falsamente banal: *ligar um gravador num campo de pesquisa*. É igualmente de elevado interesse abordar a história da pesquisa de campo e da coleta de *corpus* de gravações na área científica da linguística (BAUDE, 2006; BLANCHET, 2012).

Avanços no estudo da linguagem têm acompanhado de perto o desenvolvimento de inovações tecnológicas (por exemplo, gravação e análise de som; processamento computacional de grandes quantidades de texto e fala; armazenamento, organização e partilha de dados em suporte digital), bem como as inovações teórico-metodológicas oriundas de outros domínios científicos. A esse respeito, o diálogo entre a linguística e as ciências sociais resultaram numa maior apreciação do papel da linguagem na organização da vida social, nas mais diversas esferas de atividade, e a um crescente interesse pelo seu estudo, por meio da coleta de *corpora* de gravações ou de filmagens.

Os debates em ciência da linguagem que incidem sobre a utilização de um “*corpus*” na investigação linguística e as regras metodológicas da sua constituição são ricos em ecos do diálogo interdisciplinar entre a linguística e a etnografia. O sociólogo tem todo o interesse em ler essa literatura abundante, que lhe permite descobrir que um importante debate da sociologia, entre abordagem qualitativa e abordagem quantitativa, é também travado pelos linguistas, em torno do recurso e do desenho dos estudos de *corpora* (BALTHASAR & BERT, 2005; CHARAUDEAU, 2009).

Convém lembrar que, durante séculos, o estudo da linguagem assentou na análise de textos escritos, provenientes de obras literárias ou de fontes oficiais, apresentados e prescritos como exemplos da norma “cultura”, e na aplicação de métodos comparativos para estudar textos históricos e de diferentes línguas, revelando os processos evolutivos que regem a mudança linguística. Já no século XX, a linguística afirmou-se como ciência centrada no estudo da linguagem, delimitando o seu objeto de estudo com base em dois tipos de dados, “internos” e “externos” (ZWICKY, 1980). A uma abordagem teórica focada em descrever as regras endógenas que organizam o funcionamento da linguagem, com base em dados “internos” ao sistema gramatical obtidos independentemente de

qualquer situação de uso, contrapõe-se outra, assente em dados “externos” e dialogante com as ciências sociais, que coloca as práticas linguísticas dos falantes no cerne da análise — ver a distinção entre análises “etic” e “emic” proposta por Pike, (1954) — e procura atender à dimensão praxiológica e situada da linguagem, dando conta das especificidades que constituem os seus contextos de uso.

Do ponto de vista metodológico, essas diferentes abordagens sobre o estudo da linguagem assentam no uso de diferentes tipos de dados: a) dados produzidos pelo próprio analista, de forma introspectiva, com a única finalidade de serem analisados enquanto exemplos de boa formação gramatical resultante da aplicação dos princípios universais que regem o funcionamento da gramática; b) dados produzidos em contextos experimentais ou de inquérito, cujos parâmetros são ajustados ao pormenor pelo analista de forma a isolar parâmetros, fenômenos ou tópicos específicos, com o único propósito de os investigar; c) dados resultante da produção oral e/ou escrita dos falantes tal como ocorre em situações de uso não condicionadas pelo contexto de investigação, posteriormente convertidos em objeto de estudo.

Se a constituição de uma *linguística de corpus* se beneficiou, de um modo explícito e assumido, do legado de Malinowski no campo da linguística inglesa (WILLIAMS, 2006), a *redesignação*, numa data mais recente, da “sociolinguística interacional” em *linguística interacional* é um sinal forte e o operador de um reconhecimento, pelos linguistas, da Análise Conversacional como agenda e paradigma teórico-metodológico que corresponde a um dos principais ramos da linguística (COUPER-KUHLEN & SELTING, 2018). A adoção dessa designação por um número crescente de linguistas é um dos últimos episódios de um rico processo histórico de acolhimento e de valorização da ACE dentro das fronteiras da linguística.

O diálogo iniciado quando a linguística acolheu a agenda sociointeracionista proveniente da Sociologia, promovendo a publicação de estudos em Análise da Conversação Etnometodológica (SACKS, SCHEGLOFF & JEFFERSON, 1974), levou a uma melhor compreensão da gramática, possibilitada pelo uso de dados interacionais de grande valor documental, recolhidos em diversos contextos de atividade social. Daí têm resultado importantes contribuições para a compreensão da gramática como fenômeno emergente, situado e social (SELTING & COUPER-KUHLEN, 2001), bem como da organização complexa de práticas assentes na mobilização concomitante de recursos linguísticos e corporais (MONDADA, 2018).

O valor documental da gravação parcial de um telefonema entre um médico e a filha de uma doente em cuidados paliativos: reflexão teórico-metodológica nas fronteiras e margens de vários paradigmas

A viragem ou revolução videográfica atualmente em curso no campo da ACE (NEVILE, 2015) comprova que esta é uma ciência de observação dos comportamentos de ação e de interação de cunho assumidamente etnográfico, que, em nenhum momento, teria sucumbido ao logocentrismo induzido por abordagens redutoras da linguagem.

É de notar que os linguistas lideram essa viragem, desenvolvendo, no seio da sua área disciplinar e das suas fileiras de formação avançada, perfis de competência científica cada vez mais próximos da etnografia, sob os traços de uma etnografia renovada pela análise multimodal (MONDADA, 2008, 2018) e convertida em vídeo-etnografia (GROSJEAN & MATTE, 2021). À semelhança dos etnógrafos, esses *linguistas de campo* enfrentam e gerem a injunção paradoxal de maximizar as oportunidades de recolha de dados e de minimizar a disrupção das atividades observadas.

A defesa do caráter fundamentalmente egológico de toda observação do comportamento humano, qualquer que seja a abordagem metodológica mobilizada, poderia apoiar-se, por exemplo, na seguinte citação de Denise François: “(...) *comme le note Robert Hall [1951], l'idiolecte est le seul lieu d'observation linguistique*” (FRANÇOIS, 1974, p.30)¹⁴. Ou ainda, compreender a seguinte citação de Henri Boyer leva a reflexões que saem do paradigma quantitativista: “(...) *le corpus revêt aux yeux d'une certaine sociolinguistique une valeur qui ne doit rien à son volume*” (BOYER, 2002, p. 100)¹⁵.

OS DADOS: GRAVAÇÃO PARCIAL E TRANSCRIÇÃO DE UM TELEFONEMA ENTRE UM MÉDICO E A FILHA DE UMA DOENTE EM CUIDADOS PALIATIVOS

A ligação, previamente autorizada, de um gravador num dos campos hospitalares abrangidos pelo projeto ETIC, coordenado por Alexandre Martins e Michel Binet, visava juntar ao *corpus* já coletado a gravação de uma nova ocorrência de um mesmo evento interacional, gerado por um dos quadros interacionais do regular funcionamento de uma Equipe Intra-Hospitalar de Suporte em Cuidados Paliativos (EIHSCP): a reunião de equipe.

Durante a reunião observada e gravada, que ocorreu em outubro 2019, o médico paliativista atendeu uma chamada telefônica de uma utente, filha de uma doente seguida pela equipe e que permanece no seu domicílio. O médico não ativou o alto-falante do

¹⁴ Nota da edição: “(...) como observa Robert Hall [1951], o idioleto é o único lugar de observação linguística” (tradução livre).

¹⁵ Nota da edição: “ (...) aos olhos de uma certa sociolinguística, o *corpus* tem um valor que nada deve ao seu volume” (tradução livre).

telefone (viva voz), funcionalidade usada com frequência pelos profissionais, para permitir aos colegas de equipe de integrar, na qualidade de ouvintes e, por vezes, de falantes, o quadro participativo dum telefonema. Essa prática permitiu também a coleta de gravações completas de telefonemas durante a pesquisa etnográfica. No entanto, como é aqui o caso, nem sempre o alto-falante foi ativado, o que gerou dados que podemos qualificar de *atípicos*, do ponto de vista da quase totalidade dos estudos desenvolvidos em análise conversacional: gravações parciais de telefonemas.

A gravação em áudio desse telefonema foi posteriormente transcrita, com recurso às convenções de transcrição da fala-em-interação, ditas jeffersonianas, usadas em ACE (JEFFERSON, 2004), no âmbito de um artigo anterior (MONTEIRO & BRÁS, 2020, pp.121-122). A transcrição abaixo reproduzida é uma segunda versão, reelaborada, da anterior, de acordo com convenções apresentadas em anexo.

Excerto 1 (reunião EIHSCP, 24.10.2019)¹⁶

001 UT ((telefone toca na sala de reunião))
 002 MP estou?
 003 UT ((inaudível, 1 seg. 40))
 004 MP sim, então? não conseguiu atender.((riso abafado)) ((voz sorridente))
 005 UT ((inaudível, 2 seg. 18))
 006 MP °muito bem°
 007 UT ((inaudível, 1 seg. 52))
 008 MP muito bem.
 009 UT ((inaudível))
 010 MP então?
 011 UT ((inaudível, 2 seg.))
 012 MP e conte-me coisas.
 013 UT ((inaudível, 3 seg.))
 014 MP foi? boa. dormiu bem, isso é o primeiro sinal que
 015 as coisas estão: mais ou menos. diga.
 016 UT ((inaudível, 6 seg.))
 017 MP sim:,
 018 UT ((inaudível, 3 seg.))
 019 MP e tem estado bem, portanto, tem-
 020 UT ((inaudível, 3 seg.))
 021 MP mas fez as gotas eh de forma preventiva para que
 022 não tivesse dor, ou ainda
 023 UT ((inaudível))
 024 MP ou co[meçou a ficar-
 025 UT [(inaudível, 2 seg.))
 026 MP ah, ok. então diga-me só uma coisa. realmente ela está a
 027 precisar pelo que eu estou a ver a cada quatro horas
 028 fazer reforço, é isso?
 029 UT ((inaudível, 2 seg.))
 030 MP é isso, não é?
 031 UT ((inaudível))
 032 MP pronto, então vamos aumentar a dose, está bem?
 033 eh corrija-me se estiver enganado, está a fazer cinquenta,
 034 não é?, de fentanyl neste momento

¹⁶ Participantes: *MP* (“médico paliativista”); *UT* (“utente”); *EP* (“enfermeira paliativista”)

O valor documental da gravação parcial de um telefonema entre um médico e a filha de uma doente em cuidados paliativos: reflexão teórico-metodológica nas fronteiras e margens de vários paradigmas

035 UT ((inaudível, 2 seg.))
036 MP pronto. pode parecer um bocado alarmante passar já para cem,
037 mas ela realmente, com o que ela está a fazer podemos dar
038 já esse saltinho, está bem?, porque ela está a precisar a
039 cada quatro horas, eh portanto, agora a questão é muito
040 importante. é, beber muita, muita água que é para ela
041 não (0.5) está bem? portanto, vamos tentar agora, hoje e
042 amanhã tentar reforçar a água, e se ela começar a ficar
043 muito sonolenta ou alguma coisa, então nesse caso retiramos
044 o penso, e:: e depois liga para mim na hora que puder, está
045 bem?, logo a seguir está bem?, entre hoje e amanhã ainda
046 me vai dizer alguma coisa, pode ficar um pouco mais
047 sonolenta.
048 UT ((inaudível, 3 seg.))
049 MP é, é, é vamos tentar, está bem? que é para ver se não
050 temos de fazer mais SOS, está bem?
051 UT ((inaudível, 2 seg.))
052 MP pronto.
053 UT ((inaudível, 3 seg.))
054 MP hm,
055 UT ((inaudível, 2 seg.))
056 MP só se tiver dor, está bem? por acaso, deixe-me só olhar
057 para eu perceber se vamos ter de aumentar também a dose das
058 gotas, se for caso disso. .hh eh: mas eu para já mantinha
059 exatamente como está. se ela com a dose atual fica melhor,
060 é deixar ficar como está. está bem? as dez gotas, e
061 aumentamos o adesivo. está bem? mas depois quando ela
062 estiver com o adesivo posto, e já tiverem passado alguns
063 dias e ela não tiver dor, e depois começar, pronto, voltar
064 a ter dores, então as gotas a tomar já são um pouco mais. está bem?
065 UT ((inaudível, 2 seg.))
066 MP hm (1.0) até lhe vou recomendar uma coisa porque vamos ser
067 mais cuidadosos porque ela é muito magrinha, não quero que
068 ela se sinta mal. diga-me uma coisa, sabe como é que pode
069 cortar os os pensos?
070 UT (0.6)
071 MP cortam-se de canto a canto. sabe fazer isso?
072 UT ((inaudível, 0.8 seg.))
073 MP imagine um
074 UT ((inaudível, 0.7 seg.))
075 MP sim, imagine que faz uma diagonal, que tem um retângulo,
076 faz uma diagonal. do canto ao canto, pronto. se você cortar
077 um penso de um canto ao outro canto fica com metade da
078 dose, hum? (1.1) então é mais, é mais, depois não deita
079 fora esse penso, esse penso vai servir até à próxima dose.
080 portanto, vamos aumentar em vez de cinquenta, vamos
081 aumentar para setenta e cinco.
082 UT ((inaudível, 2 seg.))
083 MP está bem? é mais seguro.
084 UT ((inaudível, 1 seg.))
085 MP corta na diagonal o penso, e vai colar portanto (1.5)
086 no fundo até à dose
087 que ela faça, que seja de setenta e cinco. portanto faz
088 os cinquenta mais meio penso. está bem?
089 UT ((inaudível, 1 seg.))
090 MP e vamos ver como é que isto, como é que ela está. é mais
091 seguro. acho que é mais seguro.
092 UT ((inaudível, 3 seg.))
093 MP pode, coloca já. ponha já ao lado, está bem?, que é para
094 saber que aqueles são os de hoje, está bem?
095 UT ((inaudível, 1 seg.))
096 MP está bem. (1.0) e pronto, a nível de dosagem, depois de
097 de das gotas, ela está a fazer dez, não é?, de cada
098 vez? (0.8) se houver necessidade até podíamos (1.3) seria
099 sensivelmente quinze, pelos meus cálculos. mas deixe-me só
100 confirmar, aqui com, com a-

101 EP são quinze.
 102 (2.5)
 103 EP ah para setenta e cinco?
 104 MP sim para setenta e cinco.
 105 EP hm
 106 (1.8)
 107 MP deixa-me ver.
 108 (2.6)
 109 MP é, exactamente. pode fazer até catorze gotas.
 110 perfeitamente. catorze gotas.
 111 UT ((inaudível, 1 seg.))
 112 MP se houver necessidade. pronto, mas é que
 113 UT ((inaudível, 1 seg.))
 114 MP se ela tem dor apesar disto, sim. mas para já faça as dez
 115 até este setenta por cento acrescentar ao outro, está a
 116 perceber?
 117 UT ((inaudível, 1 seg.))
 118 MP 'que isto já vai ser mais rápido. e pronto, ainda bem que
 119 ela dormiu bem, fico mais tranquilo. estava preocupado.
 120 UT ((inaudível, 1.5 seg.))
 121 MP está bem. então vou só escrever que aumentámos para
 122 setenta e cinco. pronto,
 123 UT ((inaudível, 1 seg.))
 124 MP ok.
 125 UT ((inaudível))
 126 MP de nada. vá, adeus, adeus,
 127 UT ((inaudível))
 128 MP com licença,
 129 UT ((inaudível))
 130 MP de nada.
 ((fim da chamada))

NÃO EXISTEM “DADOS BRUTOS”: TRANSCREVER É ANALISAR; DESCREVER É INTERPRETAR

Na cadeia operatória da produção de dados e de conhecimentos, o leitor pode verificar aqui que uma mesma gravação pode gerar não uma única versão transcrita, mas sim várias versões. Tal fato, corrente em ACE, chama a atenção sobre a inexistência de “dados brutos” em ciências sociais e humanas.

O projeto *The Natural History of an Interview*, desenvolvido em várias fases, ao longo dos anos 1955-1968, por uma equipe multidisciplinar de antropólogos, linguistas e psiquiatras, é aqui a referência incontornável, pela riqueza e pelo alcance histórico do trabalho realizado, acerca da construção de dados por meio da transcrição de filmes, para fins de análise interacional (LEEDS-HURWITZ, 1987). Gregory Bateson, coautor com Margaret Mead de um estudo etnográfico baseado em fotografias, publicado em 1942, muitas vezes citado, participou, a partir de 1956, neste projeto, juntamente com Ray L. Birdwhistell. É preciso aguardar por 1971 para ver uma parte do trabalho desenvolvido no âmbito desse projeto valorizado em formato de livro publicado (McQUOWN, 1971).

Consideradas em detalhes, as convenções de transcrição, em ACE, da fala-em-interação, que incorporaram contribuições desse projeto (MONDADA, no prelo) variam,

O valor documental da gravação parcial de um telefonema entre um médico e a filha de uma doente em cuidados paliativos: reflexão teórico-metodológica nas fronteiras e margens de vários paradigmas

de modo a adaptar-se aos interesses de pesquisa dos analistas. As convenções ditas jeffersonianas são declinadas em variantes, que geram versões diferentes da transcrição de uma mesma gravação. Uma maior atenção prestada aos fenômenos prosódicos, por exemplo, envolve uma reformulação substancial das convenções de transcrição. A transição dos *corpora* de gravações em áudio para *corpora* de filmagens é acompanhada por um intenso trabalho de reelaboração das convenções de transcrição e de anotação de dados vídeo (MONDADA, 2018).

Entre a primeira versão da transcrição desta mesma gravação (MONTEIRO & BRÁS, 2020, pp.121-122) e a segunda versão acima reproduzida, houve um trabalho realizado que incidiu sobre a adaptação das convenções e a sua utilização na transcrição de gravações parciais.

Primeira diferença entre as duas versões: o tratamento dado à transcrição do toque do telefone. Na primeira versão, o toque era anotado a título de metadados, logo antes de iniciar a transcrição propriamente dita. Na segunda versão, optamos por anotar o toque do telefone do médico paliativo (MP) como primeira linha da transcrição (Lt 001), correspondente a uma ação intencional, atribuível à utente (UT). Se o toque vem interromper o silêncio do telefone (objeto silencioso: o silêncio do telefone é o pano de fundo que permite a ocorrência do evento “toque do telefone”), para realizar um ato de chamada, ou seja, um pedido de atendimento da chamada telefônica e de focalização da atenção auditiva do médico na voz da utente, este acontecimento é o resultado de uma ação deliberada, valendo como *summons* (convocador ou solicitador atencional) e tratado como equivalente a um turno de fala. O toque do telefone é a única ação plenamente audível da utente, em toda a gravação, parcial, do telefonema.

O “estou?” produzido pelo médico (Lt 002) é a segunda parte do par adjacente (SPP) formado pelo par “toque do telefone [*summons*]” / “estou?”: o “estou” confirma que o telefone foi atendido e que a pessoa chamada está a prestar atenção auditiva.

As duas primeiras linhas de transcrição desta segunda versão incorporam, portanto, uma análise teórica do estatuto acional do toque do telefone. Transcrever é analisar (OCHS, 1979).

A descrição do toque do telefone como “chamada” ou “solicitador atencional” é uma interpretação do seu valor acional. Descrever é interpretar.

Este momento hermenêutico implicado na observação e na descrição subsequente de dados — sensorialmente perceptíveis por escuta da gravação — como “ação” (ZACCAÏ-REYNERS, 2007, p.163) assenta numa reserva de saberes detidos pelo

observador. Compreender outrem envolve uma atividade cognitiva de “re-experienciação” (*re-experiencing*), ou seja, a mobilização de experiências vivenciadas na primeira pessoa, defendia Wilhelm Dilthey, na sua fundamentação das ciências humanas como ciências interpretativas (DILTHEY, 1977[1910], p.133). Conhecer é, portanto, reconhecer a partir de experiências e de saberes culturais, previamente detidos. “Culturais”, no sentido de partilhados pelos membros de uma mesma comunidade. Trata-se de saberes capacitantes: capacitam os membros, dentro da comunidade, a produzir ações reconhecíveis pelos outros membros e a reconhecer as ações produzidas por outrem.

Um analista conversacional só pode transcrever numa língua que domina ou passou a dominar enquanto membro da comunidade dos sujeitos falantes da mesma. O reconhecimento de uma sequência de sons como enunciado verbal mobiliza saberes partilhados pelo transcritor e pelo sujeito falante gravado e transcrito. Como menciona Nathalie Zaccai-Reyners, neste sentido preciso, centrado nos atos de interpretação incorporados nas descrições, a observação é sempre culturalmente *participante*.

Essa interpretação incorporada no ato de descrever, ilusoriamente banal, é uma metainterpretação ou interpretação de segundo grau: interpreta um ato interpretado em primeira instância pelos próprios participantes, na trama da interação gravada. A segunda parte do par adjacente, realizada no turno seguinte (Lt 002), torna observável e inferível que o médico interpretou o toque do telefone não como uma avaria do mesmo, mas sim como uma chamada efetuada a distância por uma pessoa. É a chamada “prova do turno seguinte”, em ACE.

No caso dessa gravação parcial, cada turno do médico constitui uma pista, de valor variável, mobilizável pelo transcritor e analista para reconstituir, por inferência, hipotéticos turnos de fala da utente, cuja ocorrência é inferida a partir de outra pista: os silêncios do médico.

O cotexto¹⁷ de cada silêncio é uma pista ou, melhor dizer, um conjunto de pistas, que permitem ao transcritor decidir se um dado silêncio do médico corresponde a uma pausa intraturno do mesmo (Lt 041, 066, 078, 085, 096 & 098) ou à produção de um turno de fala, inaudível, pela utente, cuja duração pode ser estimada com base na duração do silêncio do médico (Lt 003, 005 etc.).

¹⁷ Nota da edição: conforme Infopédia (2021), trata-se de “conjunto de sequências linguísticas que precedem ou que se seguem a uma palavra ou um enunciado na linearidade textual; contexto verbal”.

O valor documental da gravação parcial de um telefonema entre um médico e a filha de uma doente em cuidados paliativos: reflexão teórico-metodológica nas fronteiras e margens de vários paradigmas

Quando o médico realiza uma ação reconhecível pelo transcritor como “colocação de uma pergunta”, “pedido de confirmação”, “pedido de manifestação de uma concordância” ou “pedido de uma manifestação de compreensão”, a partir de pistas sobretudo entoacionais, lexicais e gramaticais, no final de um segmento de fala então tratado como formando um turno de fala (Lt 002, 010, 028, etc.), este contexto, que precede um silêncio, guia o transcritor na sua interpretação deste último como provável “turno de fala da utente”, resultante de uma heterosseleção, pelo médico, desta como falante seguinte, por meio de uma pergunta (SACKS, SCHEGLOFF & JEFFERSON, 1974).

Muitas falas do médico, que formam um contexto que segue imediatamente um silêncio, são interpretáveis como encadeamentos sobre uma fala da utente, a partir de pistas entoacionais, semântico-pragmáticas e gramaticais, o que consolida a interpretação do silêncio anterior como provável “turno de fala da utente” (Lt 004, 014, 021, 026, 032 etc.).

Certas linhas de transcrição tratam artificialmente como turnos de fala sinais de escuta ativa do médico, que não operam nenhuma tomada de turno de fala nem tentativas de tomada de turno de fala. Bem pelo contrário, incentivam a utente a prosseguir um provável turno de fala, então em curso de produção (Lt 006, 008, 017 & 054). Outra proposta de descrição e interpretação de parte dessas falas pode assentar no conceito de “terceira parte” de um par adjacente (TPP), funcionando semântico-pragmaticamente como retorno avaliativo da pertinência da segunda parte (SPP), por parte do autor da primeira parte (PPP).

Acabamos de autodescrever finamente a endo-organização metódica da nossa própria prática de transcrição, num dado momento das suas transformações e adaptações constantes, perante uma gravação parcial. Estas autodescrições, que descoisificam a transcrição final, evidenciando os métodos da sua construção, geradores de múltiplas versões, constituem saberes capacitantes, que habilitam outros investigadores a transcrever e analisar semelhantes dados.

A GRAVAÇÃO COMO ARTEFATO TEÓRICO-METODOLÓGICO DOTADO DE VALOR DOCUMENTAL

A montante da transcrição, temos a própria atividade de gravação, por ligação de um gravador. É comum, em ACE, considerar que a transcrição não se substitui à gravação e à sua escuta. Como atesta o presente artigo, uma vez transcrita uma primeira vez, a gravação continua a constituir um dado empírico importante, que pode ser novamente

escutado, para fins de nova análise e/ou de nova transcrição. Um *corpus* tem uma vida científica longa e múltipla.

Fazemos notar, portanto, que uma nova transcrição que se quer rigorosa não se elabora a partir da leitura de uma transcrição anterior, mas sim da re-escuta da gravação. Essa observação fundamenta a perspectiva que encara uma gravação como constituindo um “dado mais bruto” do que a sua transcrição, ou seja, como dado menos transformado e adulterado, como dado constituindo um registro mais próximo, autêntico e fiel do “evento social” convertido em objeto de estudo. Nesse sentido, é comum que se refira às gravações como “dados autênticos” ou “dados naturais”, que não seriam transformados, ou muito pouco, por contraste com uma transcrição.

É, de fato, didático seguir essa perspectiva e mostrar as transformações dos dados gravados por ocasião da transcrição, para promover uma primeira conscientização da inexistência de dados brutos como base empírica da investigação em ciências sociais e humanas. Mas, numa segunda aproximação a essa questão epistemológica, é preciso acrescentar que, a montante, a própria gravação constitui uma artefato teórico-metodológico.

Cada decisão de ligar e de desligar o seu gravador durante uma pesquisa de campo opera um recorte, no *continuum do real*, que é informado por quadros teóricos, incorporados à linguagem corrente ou à linguagem de um grupo de especialistas (JAUBERT, 2002; PASSERON, 1995). Fenomenologicamente, não existem dados puros da percepção, na medida em que todo o objeto sensorialmente percebido é cognitivamente visado e elaborado.

A coleta de uma gravação parcial tem, a essa luz, a vantagem de permitir alertar mais facilmente o leitor/investigador contra o erro denunciado, com razão, por Jean-Claude Passeron (1995, p.9), que consiste em assimilar uma gravação ou um filme a um registro fiel e completo do mundo, capaz de se substituir a ele. Qualquer registro é e será sempre parcial, como sublinhava Max Weber.

Dito isso, não é em vão, no entanto, tentar efetuar registros que captam, com cada vez mais detalhes, os dados sensoriais êmicos, ou seja, os dados visuais e auditivos, nomeadamente, percebidos e processados pelos próprios participantes numa interação, de acordo com uma abordagem que se refere à observação naturalista, sem, porém, perder de vista que os dados coletados são construtos teórico-metodológicos.

O valor documental da gravação parcial de um telefonema entre um médico e a filha de uma doente em cuidados paliativos: reflexão teórico-metodológica nas fronteiras e margens de vários paradigmas

Não é vão, como comprova o seguinte fato: muitas descobertas fundamentais da ACE teriam sido pura e simplesmente impossíveis de alcançar na ausência de gravações da fala-em-interação, que é possível escutar um número ilimitado de vezes, sem perda dos detalhes comportamentais nelas capturados e fixados. Os registros memoriais, voláteis, de um observador, ou as suas notas de campo, muito mais lacunares, não oferecem uma alternativa à coleta de gravações. Só com a introdução da utilização de gravadores é que foi possível descobrir e descrever finamente, pela primeira vez, a “maquinaria” da conversação (SACKS, 1984, p.26), constatação histórica que justifica a seguinte afirmação: os estudos de *corpora* permitem completar e consolidar a pesquisa etnográfica. Quanto à coleta de *corpora* de gravações parciais, força é de constatar que não teriam proporcionado uma base empírica cuja análise teria tornado possível alcançar os resultados e as descobertas aqui mencionados.

O VALOR DOCUMENTAL DE UMA GRAVAÇÃO PARCIAL

Apesar das limitações acima apontadas, uma gravação parcial pode servir de base empírica à descrição de ações realizadas no âmbito de um dos quadros interacionais dos cuidados paliativos, o que motivou uma primeira transcrição e análise da gravação parcial aqui considerada, no artigo anterior já mencionado (MONTEIRO & BRÁS, 2020).

As microdecisões tomadas nesta primeira transcrição equipararam o telefonema a um só turno de fala — não ao nível da análise, obviamente, mas sim ao da transcrição propriamente dita. Aproveitamos a referência a este primeiro tratamento dos dados gravados para estender a discussão à questão do valor documental de um só turno de fala, transcrito isoladamente. Recortar e isolar um só turno de fala opera uma *des-co-textualização* dos dados, extremamente empobrecedora, do ponto de vista da ACE da copilotagem, passo a passo, da interação, pelos próprios participantes. É precisamente a recusa de abordagens *des-co-textualizadoras* — que fazem perder de vista a trama das interações — que singulariza a ACE dentro do universo das abordagens analíticas das práticas e dos conteúdos discursivos. A ACE não é uma ciência de falas interacionalmente desenraizadas, arrancadas da trama das interações onde ocorrem. As descobertas dos analistas conversacionais resultam de uma abordagem da *fala-em-interação*, ou seja, da organização em turnos de fala das interações conversacionais.

No entanto, a atribuição e a exploração do valor documental de uma gravação parcial, inicialmente transcrita como se fosse um só turno de fala, obriga a ponderar a nossa argumentação. Afinal, cada turno de fala é ou pode ser, em si mesmo, uma janela de

observação direta de ações realizadas conversacionalmente, cujo valor documental pode servir de base empírica a descrições e análises do trabalho dos profissionais de saúde (MARTINS & BINET, 2020).

A possibilidade e a heurística de análises de gravações parciais ou de turnos de fala isolados não podem ser totalmente descartadas, apesar da força, irrefutável, das descobertas realizadas pelas vias definidas pela ACE. O programa investigativo, ou seja, o leque de questões abordáveis, numa pesquisa que tem por base empírica gravações parciais, é incontestavelmente mais reduzido, sem ser, no entanto, nulo, longe disso. Remetemos para a leitura da transcrição acima reproduzida e para o artigo anteriormente publicado, para uma verificação do valor documental de uma gravação parcial. O leitor não ficará surpreendido ao constatar que a transcrição aqui proposta abre múltiplas janelas de observação direta, que permitem descrever aspectos da humanização dos cuidados de saúde (OSTERMANN & MENEGHEL, 2012) — partes integrantes dos cuidados paliativos — que certos profissionais gostariam de replicar e disseminar noutros serviços hospitalares (PINTO, 2020).

A MODO DE CONCLUSÃO

Sob pretexto de discutir o valor documental de uma gravação parcial, este artigo, corrigido por um antropólogo e um linguista, é animado por uma intenção, a de arrancar o véu de falsa banalidade, de ilusória autoevidência, que esconde a riqueza da história multidisciplinar sedimentada e incorporada em cada ato de coleta de “dados”, na investigação qualitativa, de cariz etnográfico.

Ligar um gravador é um ato epistêmico, que recorta e constrói como “dados” registros sempre parciais e lacunares, dentro de dispositivos teórico-metodológicos, que importa descrever e pensar, em nome de uma reflexividade epistemológica situada, finamente ancorada nos detalhes de operações encadeadas umas às outras, de processos metodológicos concretos.

Na ACE, a metodologia não é o objeto de uma agenda periférica, mas sim o objeto central da ciência social. É na qualidade de metodólogos práticos (ou de praticantes de uma metodologia) que uns e outros, investigadores incluídos, somos construtores do quotidiano. A etnometodologia é uma *metodografia* (ZIMMERMAN & POLLNER, 1970, p.95), que produz saberes capacitantes, do investigador e dos sujeitos por ele estudados, como Louis Quéré, entrevistado por Georges Lapassade, sublinhou:

O valor documental da gravação parcial de um telefonema entre um médico e a filha de uma doente em cuidados paliativos: reflexão teórico-metodológica nas fronteiras e margens de vários paradigmas

Garfinkel semble considérer qu'une description sociologique est pertinente si elle contribue, par la découverte de la méthode d'organisation interne d'un phénomène, à accroître le savoir-faire, l'habileté pratique des gens qui le façonnent à travers leurs aspirations, à travers leur engagement concret, situé (QUÉRÉ ; in LAPASSADE & QUÉRÉ, 1986, p.72)¹⁸.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BALTHASAR, Lukas; BERT, Michel. (2005). La plateforme «Corpus de langues parlées en interaction» (CLAPI): Historique, état des lieux, perspectives. *Lidil (Revue de Linguistique et de Didactique des Langues)*. n.31, p.13-33.
- BASZANGER, Isabelle; DODIER, Nicolas. (2004), Ethnography: Relating the part to the whole. In: SILVERMAN, David (ed.). *Qualitative Research: Theory, Method and Practice*. 2nd ed. London: Sage, p.9–34.
- BAUDE, Olivier. (ed.) (2006). *Corpus oraux: Guide de bonnes pratiques*. Paris: CNRS / Presses Universitaires d'Orléans.
- BELMONT, Nicole. (1974). *Arnold van Gennep, le créateur de l'ethnographie française*. Paris: Payot.
- BINET, Michel ; RULLAC, Stéphane ; PINTO, Tânia. (no prelo). La co-enquête microethnographique : Un moteur de la scientification du travail social. *Intervenção Social*.
- BLANCHET, Philippe. (2012). *La linguistique de terrain : Méthode et théorie. Une approche ethnosociolinguistique de la complexité*. 2nd ed. Rennes: Presses Universitaires de Rennes (PUR).
- COUPER-KUHLEN, Elizabeth; SELTING, Margaret. (2018). *Interactional Linguistics: Studying Language in Social Interaction*. Cambridge / New York: Cambridge University Press.
- BONDAZ, Julien. (2014). Entrer en collection. Pour une ethnographie des gestes et des techniques de collecte. *Cahiers de l'École du Louvre*, n.4, p.24–32.
- BOYER, Henri. (2002). Sociolinguistique: faire corpus de toute(s) voix?. *Mots. Les langages du politique*. n.69, p.97–102.
- CHARAUDEAU, Patrick. (2009). Dis-moi quel est ton corpus, je te dirai quelle est ta problématique. *Corpus*, n.8, p.37–66.
- COULON, Alain. (1987). *L'ethnométhodologie*. Édition électronique. Paris: PUF.
- DILTHEY, Wilhelm. (1977). The Understanding of Other Persons and their Expressions of Life (1910). In: *Descriptive Psychology and Historical Understanding (1894-1910)*. The Hague: Martinus Nijhoff, p.123–144.

¹⁸ Nota da edição: “Garfinkel parece considerar que uma descrição sociológica é relevante se contribui, pela descoberta do método de organização interna de um fenômeno, para aumentar o saber-fazer, a habilidade prática das pessoas que o modelam por meio de suas aspirações, por meio de seu engajamento concreto e situado” (tradução livre).

- DURANTI, Alessandro. (1997). *Linguistic Anthropology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- ENFIELD, N. J.; SIDNELL, Jack. (2017). *The Concept of Action*. Cambridge: Cambridge University Press.
- FABRE, Daniel; LAURIÈRE, Christine. (eds.). (2018). *Arnold Van Gennep: Du folklore à l'ethnographie*. Paris: Éditions du Comité des travaux historiques et scientifiques (CTHS).
- FRANCIS, David; HESTER, Stephen. (2004). *An Invitation to Ethnomethodology: Language, Society and Social Interaction*. Thousand Oaks: Sage.
- GOFFMAN, Erving. (1953). *Communication Conduct in an Island Community*. Doctoral Thesis - University of Chicago.
- GOFFMAN, Erving. (1964). The Neglected Situation. *American Anthropologist*. V. 66, n.6-2, p.133–136.
- GOODWIN, Charles. (2017). *Co-Operative Action*. Cambridge: Cambridge University Press.
- GROSJEAN, Sylvie; MATTE, Frederik. (eds.). (2021). *Organizational Video-Ethnography Revisited: Making Visible Material, Embodied and Sensory Practices*. Cham: Palgrave Macmillan.
- HAMMERSLEY, Martin; ATKINSON, Paul. (2007). *Ethnography: Principles in practice*. 3rd ed. London / New York: Routledge / Taylor & Francis.
- HEIDER, Karl G. (2006). *Ethnographic film*. 2nd ed. Austin: University of Texas Press.
- HYMES, Dell. (1972). Models of the Interaction of Language and Social Life. In: GUMPERZ, John; HYMES, Dell. (eds.). *Directions in Sociolinguistics: The Ethnography of Communication*. New York: Holt, Rinehart & Winston, p.35–71.
- INFOPÉDIA. (2021). Dicionários Porto Editora. Porto: Porto Editora. Disponível em: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/arquilexema>. Acesso em: 27 dez. 2021.
- JAUBERT, Anna. (2002). Corpus et champs disciplinaires. Le rôle du point de vue. *Corpus*. n.1, p.1-12.
- JEFFERSON, Gail. (2004). Glossary of transcript symbols with an Introduction. In: LERNER, Gene H. (ed.). *Conversation Analysis: Studies from the first generation*. Philadelphia: John Benjamins, p.13-23.
- LABOV, William. (1976). *Sociolinguistique*. Paris: Minuit.
- LAPASSADE, Georges ; QUÉRÉ, Louis. (1986). Les “correctifs” et l’ethnométhodologie (Suite et fin de “Comprendre l’ethnométhodologie”, interview de Louis Quéré par Georges Lapassade). *Pratiques de formation – Analyses*. n.11–12 (Ethnométhodologies), p.70–79.
- LEEDS-HURWITZ, Wendy. (1987). The Social History of “The Natural History of an Interview”: A Multidisciplinary Investigation of Social Communication. *Research in Language and Social Interaction*. n.20, p.1–51.
- LEIRIS, Michel. (1931). *Instructions sommaires pour les collecteurs d’objets ethnographiques (rédigées d’après les cours professés par Marcel Mauss à l’Institut d’Ethnologie)*. Paris: Musée d’Ethnographie & Mission scientifique Dakar-Djibouti.

O valor documental da gravação parcial de um telefonema entre um médico e a filha de uma doente em cuidados paliativos: reflexão teórico-metodológica nas fronteiras e margens de vários paradigmas

- LEIRIS, Michel. (1950). L'ethnologue devant le colonialisme. *Les Temps Modernes*. n.58, p.357–374.
- LENCLUD, Gérard. (2000). Méthode ethnographique. In: BONTE, Pierre; IZARD, Martin. (eds.). *Dictionnaire de l'ethnologie et de l'anthropologie*. 2nd edn. Paris: PUF, p.470–475.
- MAISTRE, Pierre. (2017). Expérience et praxéologie: De la présentification de l'action présente et passée à sa représentation écrite. *Forum. Revue de la Recherche en Travail social*. V. 151, n.2, p.16–26.
- MALINOWSKI, Bronislaw. (2002[1935]). Théorie ethnographique du langage, accompagnée de quelques corollaires pratiques. In: *Les jardins de corail*. Paris: La Découverte, p.237–314.
- MARTINS, Alexandre; BINET, Michel. (2020). Introduzir o tópico “trajetória de fim de vida” na interação conversacional com doentes paliativos e seus familiares: As microestratégias dos profissionais de saúde. *Terceiro Milênio: Revista Crítica de Sociologia e Política*. V. 14, n.1, p.71–102.
- MAUSS, Marcel. (1967[1947]). *Manuel d'ethnographie*. Paris: Payot.
- MCQUOWN, N. A. (ed.). (1971). *The Natural History of an Interview*. Chicago: University of Chicago Library - Microfilm Collection of Manuscripts on Cultural Anthropology.
- MONDADA, Lorenza. (2008). Using Video for a Sequential and Multimodal Analysis of Social Interaction: Videotaping Institutional Telephone Calls. *FQS - Forum: Qualitative Social Research*. V. 9, n.3. Disponível em: <http://www.qualitative-research.net/index.php/fqs/article/view/1161/2566>
- MONDADA, Lorenza. (2018). Multiple Temporalities of Language and Body Interaction: Challenges for Transcribing Multimodality. *Research on Language and Social Interaction*. V. 51, n.1, p.85-106.
- MONDADA, Lorenza. (no prelo). The Natural History of an Interview and the emergence of video-based multimodal studies of social interaction. In: McELVENNY, James; PLODER, Andrea. (eds). *Holisms of communication: The early history of audio-visual sequence analysis*. Berlin: Language Science Press.
- MONTEIRO, David; BRÁS, Oriana R. (2020). Entre a vida e a morte: travessias conjuntas de doentes, familiares e profissionais de cuidados paliativos. *Terceiro Milênio: Revista Crítica de Sociologia e Política*. V. 14, n.1, p.103-127.
- NEVILE, Maurice. (2015). The Embodied Turn in Research on Language and Social Interaction. *Research on Language and Social Interaction*. V. 48, n.2, p.121–151.
- OCHS, Elinor. (1979). Transcription as theory. In: OCHS, Elinor; SCHIEFFELIN, Bambi B. (eds). *Developmental pragmatics*. New York: Academic Press, p.43–72.
- O'REILLY, Patrick. (1949). Le « documentaire » ethnographique en Océanie. *Journal de la Société des Océanistes*. V. 5, n.5, p.117–144.
- OSTERMANN, Ana Cristina; MENEGHEL, Stela Nazareth. (eds). (2012). *Humanização Gênero Poder: Contribuições dos estudos de fala-em-interação para a atenção à saúde*. Campinas, SP / Rio de Janeiro: Mercado de Letras / Fiocruz.
- PASSERON, Jean-Claude. (1995). L'espace mental de l'enquête (I). La transformation de l'information sur le monde dans les sciences sociales. *Enquête*. n.1(Version en ligne), p.1–23.

- PIAGET, Jean. (1992[1974]). *Réussir et comprendre*. 2nd ed. Paris: PUF.
- PIETTE, Albert. (2009[1998]). Les détails de l'action. Écriture, images et pertinence ethnologique', *Enquête*. n.6 (Édition en ligne), p.1–15.
- PIKE, Kenneth L. (1954). *Language in relation to a unified theory of the structure of human behavior. Part I*. Glendale: The Summer Institute of Linguistics.
- PINTO, Tânia. (2020) *Análise conversacional de quadros interacionais do trabalho do/a assistente social em meio hospitalar: O encaminhar para uma unidade de cuidados paliativos*. Dissertação de Mestrado em Serviço Social (dir. Michel G. J. Binet). Instituto Superior de Serviço Social de Lisboa - Universidade Lusíada de Lisboa (ISSSL-ULL).
- ROUCH, Jean. (1968). Le film ethnographique. In: POIRIER, Jean. (ed.). *Ethnologie générale*. Paris: Gallimard - Encyclopédie de la Pléiade, p.429–471.
- SACKS, Harvey. (1984). Notes on methodology. In: ATKINSON, J. Maxwell; HERITAGE, John. (eds) *Structures of Social Action: Studies in Conversation Analysis*. Cambridge: Cambridge University Press / Maison des Sciences de l'Homme, pp.21–27.
- SACKS, Harvey; SCHEGLOFF, Emanuel A.; JEFFERSON, Gail. (1974). A Simple Systematic for the Organisation of Turn Taking in Conversation. *Language*. V. 50, n.4, p.696-735.
- SARDAN (De), Jean-Pierre Olivier. (2003). Observation et description en socio-anthropologie. In: BLUNDO, Giorgio ; SARDAN (De), Jean-Pierre Olivier. (eds.). *Pratiques de la description*. Paris: École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), p.13–39.
- SCHEGLOFF, Emanuel A. (2006). Interaction: The infrastructure for social institutions, the natural ecological niche for language, and the arena in which culture is enacted. In: ENFIELD, N. J.; LEVINSON, Stephen C. (eds.). *Roots of Human Sociality: Culture, cognition and interaction*. London: Berg, p.70–96.
- SCHÜTZ, Alfred. (1967). *The Phenomenology of the Social World (1932)*. Evanston / Chicago: Northwestern University Press.
- SIDNELL, Jack; STIVERS, Tanya. (eds.). (2013). *The Handbook of Conversation Analysis*. Oxford: Wiley-Blackwell.
- SELTING, Margaret; COUPER-KUHLEN, Elizabeth. (eds.). (2001). *Studies in Interactional Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins.
- TAYLOR, Charles. (1985). Interpretation and the Sciences of Man (1971). In: *Philosophy and the Human Sciences (Philosophical Papers 2)*. Cambridge: Cambridge University Press, p.15–57.
- WILLIAMS, Geoffrey. (2006). La linguistique et le corpus: une affaire prépositionnelle. In: DUTEIL-MOUGEL, Carine ; FOULQUIÉ, Baptiste. (eds.). *Corpus en Lettres et Sciences sociales: des documents numériques à l'interprétation (Actes du colloque international d'Albi, juillet 2006)*. Paris: Texto, p.151–158.
- ZACCAÏ-REYNERS, Nathalie. (2007). Les actes de la recherche et la connaissance du monde commun: Éléments d'enquête épistémologique. In: CHARLIER, Jean-Émile; MOENS, Frédéric. (eds). *Observer, décrire, interpréter*. Lyon: Institut National de Recherche Pédagogique, p.151–167.

O valor documental da gravação parcial de um telefonema entre um médico e a filha de uma doente em cuidados paliativos: reflexão teórico-metodológica nas fronteiras e margens de vários paradigmas

ZIMMERMAN, Don H.; POLLNER, Melvin. (1970). The Everyday World as a Phenomenon. In: DOUGLAS, Jack D. (ed.). *Understanding Everyday Life: Toward the Reconstruction of Sociological Knowledge*. Chicago: Aldine, p.80–103.

ZWICKY, Arnold M. (1980). "Internal" and "external" evidence in Linguistics. *Proceedings of the Biennial Meeting of the Philosophy of Science Association*, Vol. 1980, V.2 (Symposia and Invited Papers), p.598-604.

ANEXO

Quadro 1: Convenções de transcrição

[]	Falas sobrepostas
[]	
(1.0)	Pausa (em segundos e décimas de segundo)
(())	Descrição de fenómeno não transcrito (p.ex. fala inaudível)
.	Entoação descendente
,	Entoação ascendente, continuativa
?	Entoação ascendente, final
-	Corte repentino de uma palavra
° °	Diminuição do volume da fala
:	Alongamento de som da fala
.h	Inspiração audível

Fonte: Adaptação a partir de Jefferson (2004)

Michel G. J. Binet

Doutor em Antropologia – Professor Auxiliar no Instituto Superior de Serviço Social de Lisboa da Universidade Lusíada de Lisboa (ISSSL-ULL) / Coordenador do *Grupo de Etnometodologia e Análise Conversacional da Clusividade social* (GEACC), Grupo de investigação do *Centro Lusíada de Investigação em Serviço Social e Intervenção Social* (CLISSIS)

David Monteiro

Doutor em Linguística – Bolseiro de investigação no Instituto Politécnico de Portalegre (IPP) / Investigador do *Grupo de Etnometodologia e Análise Conversacional da Clusividade social* (GEACC), Grupo de investigação do *Centro Lusíada de Investigação em Serviço Social e Intervenção Social* (CLISSIS)